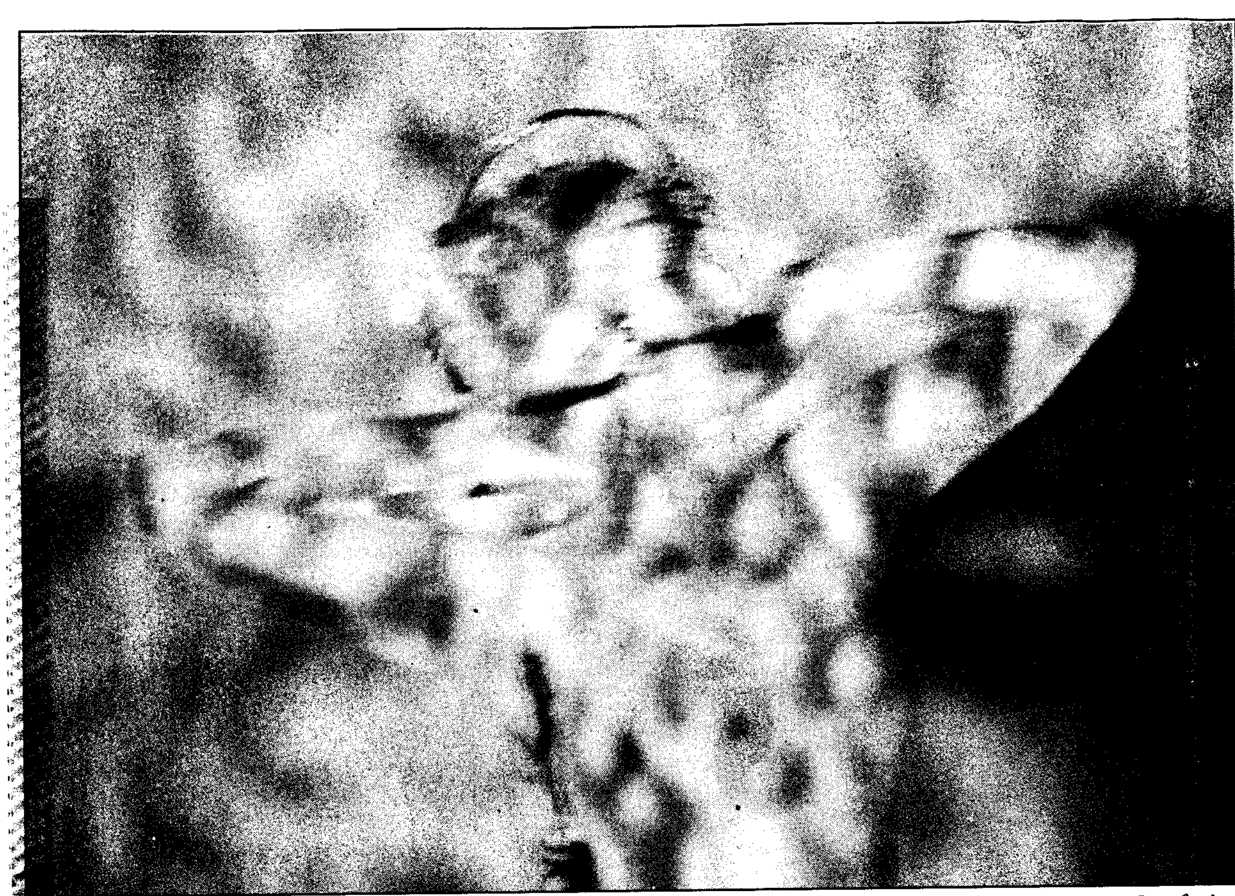
VÍDEO



Cena da performance 'Le Partage des Peaux 2', da canadense Isabelle Choinière: dança eletrônica



O vídeo 'Pedro e o Lobo', de Michel Jaffrennou: projeto de US$ 6 milhões tem pintura e animação

'Bardo', trabalho do baiano Marcondes Dourado: parceria com a bailarina Sandra Del Carmen



A violinista Steina Vasulka faz performance no Videobrasil: homenagem ao mestre Nam June Paik

Cao Hamburguer faz zoológico multimídia

O videomaker paulista participa do festival com o projeto 'Vídeo Zoo', criado especialmente para as crianças, e compete com o já premiado filme 'O Menino, a Favela e as Tampas de Panela'

CAMILA VIEGAS
Especial para o Estado

As crianças terão uma instalação realizada só para elas por Cao Hamburguer no 11º Festival Internacional Videobrasil. Para executar a obra, de 200 metros quadrados, Hamburguer chamou os artistas plásticos Vera Barros e Carlos Barmack e o arquiteto Pedro Mendes da Rocha. O videomaker também inscreveu o premiado vídeo *O Menino, A Favela e As Tampas de Panela* na mostra competitiva. Cao Hamburguer falou ao **Estado**, por telefone, sobre esses trabalhos.

★

Estado — A instalação *Vídeo Zoo* está bem na entrada, é enorme e vermelha.

Cao Hamburguer — As crianças vão adorar. A cor foi escolhida pelos artistas plásticos que assinam a instalação comigo. Eles produziram os bichos e os desenhos que vão dentro de uma arca de Noé. O Pedro desenhou uma nave futurista monocromática para contrastar com os bichos. As crianças entram por uma rampa e encontram ambientes ligados por túneis em vários níveis.

Estado — Lá dentro elas descobrem a bicharada.

Hamburguer — Tem de tudo: girafa, formiga, tamanduá, vaca, zebra, tigre, pássaro, rato e barata. Cada um deles é uma brincadeira diferente. As girafas e o rato carregam uma câmera de vídeo na cabeça. O legal da instalação é que as próprias crianças podem movimentar os bonecos por meio de manivelas. Isso significa que elas podem dirigir o olhar da girafa, por exemplo, na sua direção e assistir a imagem pela perspectiva de cima.

Estado — Onde estarão as baratas?

Hamburguer — As baratas também serão exibidas em monitores. Mas isso é perto da saída. Antes, as crianças passam pela vaca, a zebra e o tigre. Lá elas bricam com o padrão de pele deles, comandados por um botão. Encontram um pássaro voando e três monitores que mostram as imagens daquilo que o boneco estará vendo. Então vêm as experiências com "cromakey", recurso que pode unir a imagem filmada dos visitantes e um cenário de mata; o céu e a lua. E depois vem um corredor inclinado com vários monitores exibindo baratas. A idéia é distribuir uns chinelos com os quais eles poderão "matar" as baratas. Os monitores de tevê terão uma proteção para não quebrar, e a imagem do inseto muda, com a paulada, para uma barata agonizante.

Estado — O vídeo também tem um tema infantil.

Hamburguer — Estou passando por uma fase totalmente infantil. Sempre produzi pensando no entretenimento do público, sem forçar o didatismo. O filme conta as aventuras de um garoto para conseguir umas tampas de panela e se divertir na favela onde mora.

Epitácio Pessoa/AE



Cao Hamburguer inventou bonecos que reproduzem animais e carregam câmeras na cabeça: bichos podem ser manipulados pela criançada

Mabel Feres/AE



Inês Cardoso: obra mescla vídeo, música e poema de Harold Bloom

Inês Cardoso discute desejo e amor

Ela toma parte do 11º Videobrasil com a instalação 'Daragoy' e o vídeo 'Désir Noir'

A videomaker Inês Cardoso, que recebeu o prêmio de artista revelação na última versão do Videobrasil, em 1994, mostrará o vídeo *Désir Noir* na mostra competitiva e foi convidada para montar uma instalação — *Daragoy* — na área de convivência do Sesc Pompéia. Será sua primeira experiência com instalação (*leia texto ao lado*).

O vídeo tem 15 minutos de duração e trata de questões como o desejo e o amor. Conta a história de duas pessoas que não se encontram. "É um diário poético sobre o desejo, cujo nome revela uma carga de escuridão", conta a artista. Inês acrescenta ao diário um tratamento musical e poético, com esculturas para ambientar o vídeo.

Sobre o convite para participar da seleção de instalações, ela disse estar achando "uma experiência muito interessante, por causa da grande variedade de linguagens usadas nos trabalhos vizinhos". Não é para menos: ao lado de *Daragoy* estão a tecnológica *Luminous Cosmic Rays*, do artista japonês Keiichi Tanaka, e as quatro instalações do pai da videoarte, Nam June Paik.

TRABALHOS LHE RENDERAM PRÊMIOS NO EXTERIOR

O prêmio conquistado em 1994 deu grande impulso à carreira de Inês, que foi convidada para numerosas exposições e festivais no Brasil e no Exterior e recebeu oito prêmios em quase dois anos. "Sou fruto do 10º Videobrasil", orgulha-se. No ano passado, ela ganhou o prêmio de melhor vídeo autoral no festival promovido pela JVC em Tóquio e foi premiada no Festival Franco-Latino-Americano.

Segundo a diretora e curadora do 11º Videobrasil, Solange Farkas, "é comum que os artistas deslanchem internacionalmente depois de passar pelo festival". O Videobrasil, porém, não repercute só no Exterior. Neste ano, Inês conquistou mais dois prêmios em Santo André e Cuiabá.

A artista, que voltou recentemente de Ösnabruck, na Alemanha, onde participou do European Media Art Festival, disse que os trabalhos dos brasileiros são muito apreciados na Europa. "Os artistas daqui geralmente trabalham com conteúdos fortes, ao contrário de muitos europeus, que usam uma linguagem mais sintética", comentou. **(C.V.)**

'Daragoy' é obra pessoal e intimista

Em texto exclusivo, Inês Cardoso fala sobre sua primeira instalação

A instalação *Daragoy*, de Inês Cardoso, fica numa sala branca. No chão e numa das paredes serão projetadas imagens de uma mulher grávida e de um bebê. Inês descreveu *Daragoy* num texto exclusivo para o **Estado**.

★

A instalação *Daragoy* tem um tom pessoal e intimista. Trabalha com conceitos poéticos e psicológicos. Um corredor de luz e uma sala branca quase cirúrgica. Uma barriga de grávida e um bebê projetados aos cuidados de duas enfermeiras reais. Uma cama na qual estarei deitada envolvida por uma redoma de acrílico. Um poema de Harold Bloom, inscrito nessa redoma, representa a sensação de isolamento e ruptura ao expressar meus sentimentos.

Ao mesmo tempo, a influência poética é expressada como variedade da melancolia ou do princípio da angústia. O som ambiente trabalha simultaneamente com a negação e a sublimação do amor: uma conversa telefônica íntima estremecida por intervenções em vários idiomas que dizem sempre o mesmo: "Nós não sabemos como expressar o nosso amor."

A intenção é homenagear a vida, a criação, mesmo que ainda utilizando maneiras inadequadas para nos expressarmos. É uma ironia aos padrões emocionais que vamos adquirindo ao longo da vida. Estamos sempre caindo e sempre nos levantando. Essa é a força da vida.

A instalação conta ainda com dois vídeos. Um contempla a imagem de uma relação amorosa idealizada e o outro rompe com essa idealização. Trata do convívio com a dualidade humana.